



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

### ETNIA E GÊNERO NA POESIA: um olhar sobre *A Outra Nega Fulô*.

Francielle Suenia da Silva

Laysa Cavalcante Costa

*Universidade Federal de Campina Grande (POSLE). E-mail: [franciellisu@gmail.com](mailto:franciellisu@gmail.com).*

*Universidade Federal de Campina Grande (POSLE). E-mail: [laysacosta@gmail.com](mailto:laysacosta@gmail.com).*

A literatura apresenta, por meio de seu discurso poético, questões socioeconômicas, religiosas, históricas e culturais, mesmo este não sendo seu objetivo enquanto expressão artística. No poema “A Outra Nega Fulô” escrito na segunda metade do século XX pelo poeta Oliveira Silveira, é possível perceber como os pontos anteriormente citados exercem influência no eu lírico. O artigo intitulado “Etnia e Gênero na Poesia: um olhar sobre A Outra Nega Fulô” busca apresentar uma reflexão acerca da condição e representação da mulher, escrava e negra no poema supra mencionado, além de permitir uma leitura comparativa com o poema “Essa Negra Fulô”, do poeta Jorge de Lima, escrito nos últimos anos do século XIX. O trabalho ainda propõe uma reflexão acerca do trabalho com a temática da mulher, no gênero literário poesia, no ambiente escolar.

Palavras-chave: gênero; afro-brasileira; poesia.



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## Introdução

Sujeitos tratados como objetos durante o período da escravidão, mas que a partir de manifestações como a capoeira, a dança, a música e a literatura foram se unindo e ganhando voz num cenário social que lhes era desfavorável, o sujeito afro-brasileiro passou a reivindicar um lugar na sociedade. Uma das formas encontradas foi a literatura, meio pelo qual foi afirmando sua identidade, revisitando o seu passado com o objetivo de, partindo dele, modificar o presente e o futuro, fazendo-se protagonista de sua própria história.

Outro grupo também considerado submisso e marginalizado durante anos é o da mulher que, por vezes, foi considerada frágil e, por isso, deveria dedicar-se exclusivamente a casa e à família. Pelo fato de ser do sexo feminino, já havia relações de preconceito e, caso a mulher fosse também negra, a segregação tornava-se ainda maior, pois, além da condição de gênero ela carregava também, as questões da cor da pele. Não diferente do negro brasileiro, a mulher buscou e busca construir uma história literária sobre si como forma de resistência à sociedade machista.

As relações de gênero e etnia são antigas e importantes, principalmente, no que diz respeito à valorização desses grupos. Quando observamos a representação desses sujeitos na literatura, percebemos a dicotomia da submissão contra a subversão; o aceitar o que é imposto contradiz-se com o rebelar-se frente às situações de preconceito e marginalização.

Por isso, o propósito deste trabalho é verificar como a mulher negra é representada no poema *Outra Negra Fulô*, de Oliveira Silveira, atentando para o modo como a mulher que também é negra e escrava se comporta frente uma sociedade escravocrata e machista do século XIX e, também, propor uma reflexão desse tema no espaço escolar. Para que esse objetivo ocorra, vamos, inicialmente, situar o ensino de literatura, mais precisamente, o ensino de poesia, bem como apresentar características da literatura afro-brasileira; em seguida, dar um parâmetro da representação da mulher na literatura e, posteriormente, verificar como a mulher negra foi retratada no poema que serve como objeto de estudo.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Consideramos que a representação de sujeitos que buscaram, na literatura, posicionarem-se contra as opressões é importante para ser discutida em sala de aula com os alunos, pois estes estão em processo de maturação crítica e a literatura, de forma geral, auxilia na descoberta de outros olhares para o mundo, e a de temática afro-brasileira que tem a mulher negra como protagonista, incentiva para a reflexão desses atores sociais.

### Poesia na Escola

A literatura, em todos os gêneros que ela pode ser escrita, é espaço para a representação de sujeitos de diferentes características e de diversas épocas, podendo ser porta voz de um grupo ou para discussão de um tema. Mais que isso, literatura, como aponta Candido (2000, p. 162) é uma forma de “organização do mundo em termos de arte; a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada”. Ou seja, é a partir de um conjunto de regras criadas pelo autor para a produção literária que almeja produzir que a literatura se constrói e vai tomando forma.

A literatura é capaz de suscitar a sensibilidade em seus leitores, através das imagens que a construção do texto, organizada pelo autor, produz durante o ato da leitura. Essas imagens se acentuam na poesia devido às peculiaridades desse gênero literário como o ritmo, o tom, as rimas, os versos, a presença de figuras de linguagem que podem acentuar o som de vogais ou consoantes, entre outros. Valéry (1991, p. 205) diz que a “poesia é uma arte da linguagem; certas combinações de palavras podem produzir uma emoção que outras não produzem”. Do mesmo modo, uma poesia pode chamar a atenção mais a um que a outro leitor.

A poesia, em algumas salas de aula, assume a função de portadora de características de movimentos literários ou meio para se estudar questões gramaticais. Não é incomum que o professor de literatura, em seu trabalho com a poesia, peça para que seus alunos respondam exercícios de interpretação de acordo com o que pede o livro didático que, por vezes,



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

fragmenta o texto literário, além de trazer por anos os mesmos poemas. Assim, não permite ao aluno a oportunidade de conhecer o texto literário na íntegra nem proporciona um trabalho mais eficaz com a poesia. Por isso, é pertinente que o professor seja um leitor do gênero para que possa selecionar os melhores textos para apresentar à turma.

A poesia enfrenta alguns entraves tanto com professores quanto com os alunos. Um dos desafios ocorre no momento da leitura em voz alta em que o aluno e, algumas vezes, o próprio professor estranham, por exemplo, a falta de rimas ou de pontuação do poema por não estarem familiarizados com a poesia moderna. A leitura é um procedimento demorado, pois requer a atenção do leitor para os detalhes, para os elementos que estão ou não estão expostos no poema. Como aponta Pinheiro (2008, p. 34)

ler em voz alta é um modo de acertar a leitura, de adequar a percepção a uma realização objetiva. Portanto, não é tarefa ligeira. É preciso ler e reler o poema, valorizar determinadas palavras, descobrir as pausas adequadas, e, o que não é fácil, adequar a leitura ao tom do poema.

Ler em voz alta auxilia na compreensão do texto, pois é ela quem aponta se a intenção do poema é transmitir força, sutileza, se quer inquietar o sujeito ou acalmar-lhe, pois “como parte da escrita, sugere outras possibilidades de sentir e pensar o poema e seu dizer, justamente pela voz se esbater na materialidade das palavras nas quais pulsam seus sentidos, som e retornos ao silêncio” (CAMARGO, 2012, p. 72). É na leitura em voz alta que o leitor pode perceber mais eficazmente o ritmo, os sons produzidos pela repetição de vogais ou consoantes e, dessa forma, pode internalizar os sentimentos transmitidos pelas palavras ao longo dessa prática que requer paciência e dedicação do leitor, independente da condição de aluno ou professor.

### **Literatura Afro-brasileira e a Representação do Negro**



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Ao passar para a condição de escritor e protagonista de seus próprios textos, o afro-brasileiro passa a reivindicar melhores condições de tratamento fazendo-o por meio de uma escrita própria. Uma característica é a presença da memória que funciona como meio de apresentar o passado e, a partir dele, provocar uma mudança no presente, tendo por objetivo “reparar sucessivas perdas como a da memória da ancestralidade africana, da ação heroica nos quilombos, enfim da própria história” (BERND, 1988, p. 23).

Sobre o que é literatura afro-brasileira, Zilá Bernd (p. 22) defende que ela não é restrita “à cor de pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um *eu* enunciador que quer ser negro” e a pesquisadora ainda diz que são “os textos em que for nítido um certo modo negro de ver o mundo” (BERND 1987, p. 16). Sendo assim, a literatura afro-brasileira é aquela na qual o negro é colocado em evidência com o objetivo de romper uma construção histórica desse sujeito a fim de apresentar uma nova condição no meio social.

Ao proporcionar o contato do aluno com a literatura afro-brasileira, o professor pode expandir os conhecimentos de mundo do seu público alvo, pois os textos literários que abordam essa temática apresentam além da cultura do negro uma perspectiva desse sujeito sobre a sociedade, bem como promover uma desconstrução dos estereótipos que envolvem os afrodescendentes brasileiros, através da leitura e estudo do texto. Assim, contribuirá para o crescimento histórico, intelectual, étnico-racial e social do seu aluno, dependendo da forma como o texto literário foi abordado durante a aula.

### **Representação da Mulher na Literatura**

Em uma sociedade patriarcal, situemo-nos no século XIX, a mulher era imposta à submissão ao homem – de pai, passando por irmão mais velho e marido- e que não lhe eram permitidas uma educação que não se voltasse à formação e manutenção de um lar. Além disso, ela era considerada um ser frágil e indefeso que não poderia se manter sem a supervisão de um homem. Apesar de muitas mulheres conseguirem manter casa e família sem a presença



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de um marido ou outra figura masculina que exercesse poder sobre elas, os desafios enfrentados eram maiores, já que viviam em meio a um grupo social que não acreditava ou aceitava a competência de um sujeito do sexo feminino.

Na literatura, a mulher não era representada de forma diferente, com personagens submissos ao pai e marido e a quem também era dada pouca voz nas decisões da casa e, caso as personagens transgredissem qualquer ordem, eram punidas moral, social e psicologicamente com “solidão, autonegação da felicidade, reconhecimento do fracasso no desempenho do papel que lhes foi confiado pela sociedade” (SCHOLZE, 2002, p. 181).

A partir da segunda metade do século XX, momento em que a literatura de autoria feminina apresenta uma reivindicação o estabelecimento no cânon literário por meio da “ruptura e o anúncio de uma alteridade em relação a essa visão de um mundo centrada no logocentrismo e no falocentrismo” (ZOLIN, 2009, p. 327), a condição da mulher passa por uma mudança em que ela torna-se protagonista e comandante das suas ações.

Ao falarmos da representação da mulher negra na literatura brasileira, enveredamos por um mundo de preconceito e submissão ainda maiores que o imposto às mulheres não-negras, pois, além da condição do ser mulher atrela-se a condição de ser negra e com ela as características estéticas próprias desses sujeitos e o espaço que ocupam na sociedade. Por isso, na literatura de autores e autoras afro-brasileiras em que, muitas vezes, o “eu” enunciador do escritor mistura-se ao “eu” sujeito protagonista no texto encontraremos momentos de “exaltação amorosa e também versos denotadores de introspecção e indagação do ser e do estar-no-mundo. Essa subjetividade refere-se aos sentimentos, à interioridade, à introspecção, opondo-se ao mundo objetivo e aos outros sujeitos” (AUGEL,). Desse modo a mulher negra ao escrever literatura representa, não só outras mulheres negras como também a si por reivindicar voz e espaço tanto no meio literário como social.

### **O Outro Lado da Negra Fulô**



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Antes de analisarmos o poema Outra Nega Fulô, é válido informar que ele foi publicado pelo poeta gaúcho Oliveira Silveira no ano de 1998, na coletânea de poesia dos Cadernos Negros. O poema faz referência direta ao poema Essa Negra Fulô, de Jorge de Lima, poeta da primeira metade do século XX. Vejamos o poema do escritor gaúcho.

### **Outra Nega Fulô**

O sinhô foi açoiatar  
a outra nega Fulô  
- ou será que era a mesma?  
A nega tirou a saia  
a blusa e se pelou  
O sinhô ficou tarado,  
largou o relho e se engraçou.  
A nega em vez de deitar  
pegou um pau e sampou  
nas guampas do sinhô.  
- Essa nega Fulô!  
Esta nossa Fulô!,  
dizia intimamente satisfeito  
o velho pai João  
pra escândalo do bom Jorge de Lima,  
seminegro e cristão.  
E a mãe-preta chegou bem cretina  
fingindo uma dor no coração.  
- Fulô! Fulô! Ó Fulô!  
A sinhá burra e besta perguntava  
onde é que tava o sinhô



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que o diabo lhe mandou.

- Ah, foi você que matou!

- É sim, fui eu que matou –

disse bem longe a Fulô

pro seu nego, que levou

ela pro mato, e com ele

aí sim ela deitou.

Essa nega Fulô! Essa nega Fulô!

O poema nos sugere imagens sensuais a partir da atração carnal do senhor por Fulô, e dela pelo seu negro quando, enfim, estão juntos. A forma como o eu lírico descreve a cena do quase açoite e da morte, proporciona ao leitor a recriação imagética do momento. Além disso, o ritmo presente no poema pode ser facilmente identificado no ato da leitura devido a grande presença de verbos no pretérito perfeito como podemos perceber nesses versos “A nega tirou a saia/ a blusa e se pelou/ O sinhô ficou tarado,/ largou o relho e se engraçou./ A nega em vez de deitar/ pegou um pau e sampou/ nas guampas do sinhô” em que os verbos no pretérito perfeito *pelou*, *ficou*, *largou*, *engraçou*, *pegou*, *sampou* criam um ritmo sequenciado de acordo com as ações descritas.

A partir do título podemos inferir que o eu lírico se propõe a falar de outra negra escrava, uma Fulô diferente da representada no poema de Jorge de Lima. Isso se apresenta nos primeiros versos do poema “o sinhô foi açoitar/ a outra nega Fulô/ - ou será que era mesma?”. Mesmo com a presença da interrogação, que deixa uma dúvida para o leitor, os indícios de que se trata de outra mulher com outra personalidade, apresentando uma mulher negra e escrava numa condição adversa do habitual.

Essa pergunta também modifica o ritmo do poema que é perceptível a partir da leitura, principalmente se feita em voz alta, como forma de romper com a ideia de reprodução da Fulô do início do século.





## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O corpo da mulher negra é apresentado como meio de a personagem seduzir o senhor que pretendia açoitá-la e, assim, fazê-lo mudar os seus planos. Nos versos seguintes que mostram o interesse do senhor por ela, entendemos qual o verdadeiro objetivo de Fulô “a nega em vez de se deitar/ pegou um pau e sampou/ nas guampas do senhor”, ou seja, ela matou-o para livrar-se dos maus tratos físicos, das agressões psicológicas e, no momento, do assédio sexual. Dessa forma, podemos compreender que o corpo foi a forma que Fulô usou para subverter-se e lutar por algo que queria. Considerando a condição de negra escrava, ela não tinha acesso a outros recursos de coerção além de si mesma. Podemos supor, também, que tudo havia sido premeditado: sabendo que poderia seduzir o senhor, Fulô pratica alguma ação de desobediência cujo castigo seria o açoitamento, assim, poderia utilizar-se do momento para estarem a sós e concretizar o plano.

Ao fazer isso, ela assume o papel de representante do seu povo, pois conseguiu reverter a situação. Deste modo, torna-se exemplo de resistência à opressão e violência sofridas pelo negro escravo. Como aponta Bosi (2000, p. 204) “situações de crise e opressão desencadeiam forças profundas de resistência que, por sua vez, geram movimentos sociais”. Surge então, um tom de orgulho na fala do “velho pai João”, como podemos notar nos seguintes versos “essa nega Fulô!/ Esta nossa Fulô!”; esse sentimento é evidenciado a partir do uso do pronome possessivo *nossa* que remete à felicidade de ter como membro de seu povo, uma mulher de coragem e audaciosa.

Os versos seguintes apresentam uma crítica do eu lírico ao poeta Jorge de Lima, escritor da primeira *Negra Fulô*, que, segundo o eu lírico, não representou o negro como alguém capaz de reagir aos maus tratos colocando como submisso. No entanto, devemos considerar a época e o estilo de escrita que predominava quando Jorge de Lima produziu e publicou “Essa Nega Fulô”. Isso não o tornou um omissor das lutas dos sujeitos afro-brasileiros por liberdade e condições dignas de vida.

Além disso, não é possível aplicar a forma de escrita de uma época à outra; se, a partir da década 1970 os escritores afro-brasileiros passaram por um momento de autoafirmação na representação de suas personagens negras, não era o método de afirmação do negro na época



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de Jorge de Lima. Ao afirmar que “onde o eu se esquece na linguagem, ele está inteiramente presente” (ADORNO p, 75) entendemos que ambos poetas se colocam na poesia e lá se representam na forma como constroem as imagens, ligando palavra por palavra. Assim, tanto Jorge de Lima quanto Oliveira Silveira apresentam o negro em sua literatura, de acordo com a época em que estavam e da forma como a linguagem dos poemas foi trabalhada.

Elementos da cultura africana são retomadas nesse poema a partir das figuras do pai João e da mãe-preta. Ambos são símbolos de sabedoria e da perpetuação da cultura dos povos vindos do continente africano para os seus descendentes, além disso, também são pilares das religiões brasileiras de matizes africanas.

Mesmo com as represálias sofridas e o constante perigo de serem agredidos, os negros, quando estavam longe da presença dos brancos, referiam-se aos seus senhores de modo peculiar. Os adjetivos *burra e besta* presentes no poema ilustram essa colocação “a sinhá burra e besta perguntava/ onde é que tava o sinhô/ que o diabo lhe mandou”. Com isso, podemos imaginar o quão fácil era para as pessoas enganarem a sinhá e, de forma particular, o seu marido.

Os versos seguintes mostram a nega Fulô depois de ter assassinado o patrão “- Ah, foi você que matou!/ - É sim, fui eu que matou –/ disse bem longe a Fulô/ pro seu nego, que levou/ ela pro mato, e com ele/ aí sim ela deitou.”. Vale ressaltar que, no poema, o ato de matar alguém não é visto como uma transgressão moral e social, mas sim uma forma de libertação. Por isso ter sido feito por uma mulher negra e escrava, mostra a resistência de um sujeito ao modo de repressão, violência física, psicológica e sexual, e que busca a liberdade da forma que lhe for possível. Esse poema valida a questão de que, em uma literatura afro-brasileira, o negro, no poema, a negra, é o principal sujeito das ações; é ela quem articula, seduz, mata, foge e faz o seu destino, vivendo com quem ela quer. Isso pode ser confirmado se nos voltarmos para o verso em que Fulô afirma que foi ela quem matou o seu patrão, “-É sim, fui eu que matou”. Percebemos a coragem dessa mulher, como também o tom de audácia com que ela profere a confirmação.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O poeta, ao apropriar-se de um poema nacional já conhecido, para dar ao sujeito mulher, negra e escrava, um caráter mais autossuficiente e condutor de sua vida, acaba representando não só um, mas três grupos minoritários, o étnico, o sexual e social. A partir de uma poesia que apresenta resistência e que “traz sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar” (BOSI, 2000, p. 227) o leitor pode ser também um ícone de resistência em seu tempo e espaço.

Observando em uma proposta para sala de aula, é possível que o professor aborde questões sobre o espaço reservado às mulheres na sociedade, o que se espera delas, quais os desafios refletindo sobre as condições sócio-históricas das mulheres tendo, como no poema de Oliveira Silveira, um motivador para pensar acerca das questões que envolvem o sujeito mulher na literatura e na sociedade.

### **Considerações Temporárias**

Tanto a literatura escrita por negro quanto a escrita por mulheres tem um papel fundamental para o reconhecimento e valorização desses grupos étnicos e sexuais na sociedade. Quando um desses grupos retrata não só a si, mas também outra minoria marginalizada, o texto ganha mais força; ele é capaz de alcançar mais olhos atentos à literatura e mais vozes dispostas a modificarem a realidade, pois sabemos que a fusão do escritor no personagem traz vivências de quem escreve.

Essa mistura de vozes representa um lugar social ocupado pela coletividade; pelo grupo, não só por um indivíduo. Na poesia, os elementos sociais assumem uma condição de denunciadores da verdade, ocupando além de um lugar literário, o de porta voz de um grupo étnico, através do jogo de palavras, de sons, de ritmos, da mistura dos sentidos. Assim, a literatura afro-brasileira conta as histórias de um povo, as situações vividas pelos sujeitos de uma forma que agrada e incomoda os olhos de quem a lê, os ouvidos de quem a ouve.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

### REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. *In: Notas de literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

AUGEL, Moema Parente. “E agora falamos nós”: literatura feminina afro-brasileira. Disponível em <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro>>. Acesso realizado em 28 de janeiro de 2014.

BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

\_\_\_\_\_. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo na poesia**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 3. ed. São Paulo: Folha de São Paulo, 2000.

CAMARGO, Goiandira Ortiz de. Leitura vocalizada de poesia. *In: SANTOS E SILVA, Débora Cristina; CAMARGO, Goiandira Ortiz de; GUIMARÃES, Maria Severina Batista (orgs.). Olhar o poema: teoria e prática do letramento poético*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2012.

PINHEIRO, Hélder. **A poesia na sala de aula**. 3. ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.

SCHOLZE, Lia. A mulher na literatura: gênero e representação. *In: DUARTE, Constância Lima; ASSIS, Eduardo de; BEZERRA, Kátia da Costa (orgs.). Gênero e representação na literatura brasileira*. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG, 2002, vol.2.

SILVEIRA, Oliveira. Outra nega Fulô. *In: RIBEIRO, Esmeralda et al. (orgs.). Cadernos Negros: os melhores poemas*. São Paulo: Ministério da Cultura, 1998.

VALÉRY, Paul. Poesia e pensamento abstrato. *In: Variedades*. Trad. Maiza M. de Siqueiro. São Paulo: Iluminuras, 1991.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. *In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009.



**XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES**